



(RE)INVENÇÃO DE PROCESSOS DE APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE COVID-19

Joecilma Sales Biziu dos Santos ¹

RESUMO

Este artigo analisa a percepção de professores e estudantes sobre a educação remota que está sendo realizada durante a pandemia da COVID-19. Como métodos de pesquisa, utilizou-se a análise de questionário sobre a educação remota emergencial realizada com estudantes, depoimentos de professores e a observação das experiências educacionais vivenciadas durante o isolamento social. Procurou-se mostrar a percepção dos sujeitos sobre a educação remota e complexificar o entendimento sobre como essas experiências que estão sendo produzidas como estratégias de ensino e aprendizagem, durante a pandemia, participam da (re)invenção de processos de aprendizagem. Nesse percurso, a comunicação virtual entre professores, alunos e suas famílias possibilitaram a avaliação das estratégias desenvolvidas na escola e reformulação de rotinas pedagógicas. Estudantes destacam dificuldades vivenciadas para na educação remota, mas mostram-se abertos para a nova realidade. Ao mesmo tempo, professores buscam estratégias tecnológicas capazes de alcançar os estudantes com diferentes perfis de acesso. Assim, a escola assume a posição de aprendiz e segue se (re)inventando.

Palavras-chave: Educação remota. Percepção. (Re)invenção. Aprendizagem. Pandemia.

Introdução

Pensar em educação como processo de produção de conhecimento é falar de uma experiência apontada para movimentos em que os sujeitos são protagonistas de sua aprendizagem, apoiando-se no desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais.

Assim sendo, o contexto atual pede humanos integrados em sua complexidade. De acordo com Instituto Ayrton Senna (2020, p.), “os aspectos cognitivos e socioemocionais não existem de forma independente na formação das pessoas (...) eles estão sempre interligados.”

¹ Graduada em Ciências Biológicas (URCA), Mestre em Ambiente, Tecnologia e Sociedade (UFERSA).



A escola, no seu papel de educadora, tem como missão contribuir para que os estudantes possam transgredir e ampliar olhares para reconstruir suas próprias realidades. Nesse percurso, a interação entre professores, alunos e família possibilita a avaliação das estratégias desenvolvidas pela escola e a (re)invenção de processos de aprendizagem.

A pesquisa tem como objetivo analisar a percepção de estudantes e professores sobre o novo modelo de ensino remoto emergencial, que é realizado durante a luta contra a Covid-19.

Paulo Freire (2004), já alertava sobre a importância de pensar a prática educacional e, nessa perspectiva, a escola precisa refletir constantemente a sua prática para (re)construir estratégias de trabalho pedagógico que busque satisfazer as necessidades educacionais, sociais e humanitárias a que nos coloca a pandemia causada pelo novo coronavírus.

Metodologia

A pesquisa, de caráter quali-quantitativa tem como objeto de estudo experiências e percepções de estudantes e professores da Escola Estadual de Educação Profissional Irmã Ana Zélia da Fonseca, localizadas na cidade de Milagres – CE, sobre o ensino remoto emergencial construído durante a pandemia de COVID-19.

Os dados utilizados neste estudo são resultados de escutas ativas à estudantes e professores, realizadas nos meses de junho e agosto de 2020. Assim, seis professores, um de cada área do conhecimento e dois da área técnica, foram convidados a escreverem depoimentos com suas percepções sobre o modelo educacional remoto que vivenciam. O questionário a ser estudado foi construído pelo núcleo gestor da escola em junho de 2020 através de formulário do google e disponibilizado em todos os grupos de whatsapp das turmas da escola.

A partir das escritas e dados coletados, segue-se a análise e recortes do material, tendo como apoio estudos sobre a temática pesquisada e experiências vivenciadas pela pesquisadora.

Resultados e discussão

Ao analisar vivências e relatos do percurso de ensino remoto emergencial observa-se que nos momentos iniciais da experiência os sujeitos, alicerçados em metodologias que utilizavam em ensino presencial, demonstram emoções como insegurança e medo para conectarem-se em processo de (re)invenção didática através de tecnologias digitais no fazer em educação. Ficavam apreensivos

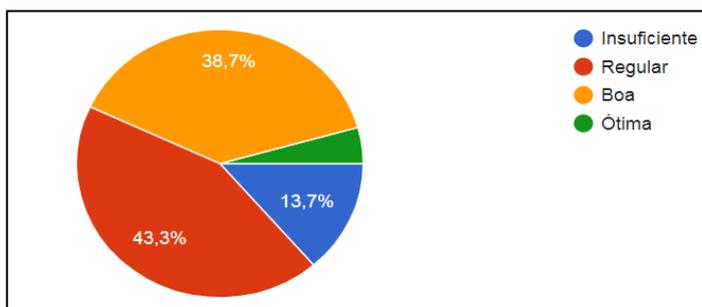
SEMINÁRIO DoCEntes

nos encontros virtuais e questionavam sobre a qualidade do ensino remoto.

Ao mesmo tempo, um ponto positivo que se destaca é a íntima relação de uma grande parcela dos estudantes com as tecnologias digitais. Porém, a desconfiança aumenta, na nossa realidade atual, ao perceber que nem todos os estudantes tem acesso às tecnologias e alguns a possuem de forma limitada, o que desfavorece a universalização da educação e todo o trabalho em busca da equidade.

O questionário foi respondido por 344 alunos da EEEP Irmã Ana Zélia da Fonseca. Ao pedir que avaliassem a sua aprendizagem no formato remoto teve-se o resultado abaixo:

Figura 1: Avaliação dos alunos sobre suas aprendizagens no formato remoto.

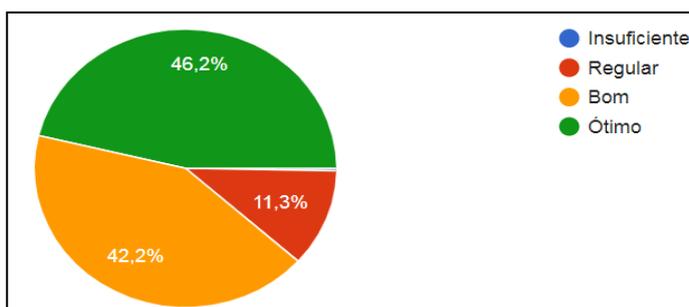


Fonte: Arquivos da EEEP Irmã Ana Zélia da Fonseca

Percebe-se que os estudantes possuem opiniões bem diversificadas quanto a qualidade da aprendizagem através da educação remota, o que nos remete a refletir sobre o quando já percorremos na adaptação a esta nova rotina e quanto ainda precisa ser melhorado.

Em segundo questionamento procurou-se verificar como os estudantes avaliam o suporte dado pela gestão da escola durante esse período em que estamos vivenciando as aulas remotas.

Figura 2: Avaliação dos estudantes quanto ao suporte dado pela gestão da escola



Fonte: Arquivos da EEEP Irmã Ana Zélia da Fonseca



SEMINÁRIO DoCEntes

A comunicação em rede social nos grupos de cada turma, nos atendimentos individualizados de busca ativa a estudantes e para solucionar problemas de acesso e utilização de ferramentas digitais tem sido intensa. Essa interação favorece o processo de aprendizagem porque conhecemos mais de perto as realidades dos estudantes, o que nos permite criar estratégias específicas.

Em ensino remoto, as famílias precisam apoiar ainda mais os estudos de seus dependentes. Ao questionar os alunos sobre o apoio que recebem de suas famílias, 89% dos estudantes disseram ter o apoio da família e 11% colocaram que a família não apoia ou é indiferente a seus estudos.

Ao questionar os estudantes sobre as suas principais dificuldades no ensino remoto, 18% selecionaram a dificuldade no acesso a internet, 32,8% disseram ter celular ou computador com desempenho insuficiente e 33,4% disseram não possuir espaço adequado para estudo.

Nesse contexto, manter o contato e a escuta entre os diversos segmentos da comunidade escolar é essencial para a reinvenção desse novo modelo de escola, mais tecnológica, porém não necessariamente, menos afetiva. Rotinas estão sendo repensadas, na escola e nos lares, numa parceria entre núcleo gestor, professores, estudantes e famílias.

Seguindo com o exercício de escuta, alguns depoimentos de professores da referida escola sobre a experiência com a educação remota emergencial vêm potencializar as reflexões:

“Vejo o momento como um espaço de reconfiguração da profissão docente (...) Me vejo tenso com as lacunas que o momento pode ocasionar e ao mesmo tempo orgulhoso de fazer parte dessa equipe comprometida com o discente e seu futuro.”

Professor I - Junho de 2020

Biologicamente sabemos que “os seres vivos se caracterizam por, literalmente, produzirem-se continuamente a si mesmos” (MATURANA; VARELA, 1985, p. 84 – 85). Nessa perspectiva, a reflexão sobre educação nos permite conectar a experiência de reconstrução de si mesmo e, dentro de contextos distintos conseguimos produzindo realidades que queremos conservar no nosso viver.

“A adaptação dentro do cenário da Educação Remota não é homogênea e nem fácil, é difícil mudar padrões adquiridos e enraizados, porém estamos nos adaptando. O processo de ensino e aprendizagem é contínuo e em meio a pandemia precisamos inovar na forma como conduzimos a sala de aula.”

(Professor W. Junho/2020)

Os sujeitos apresentam movimentos de envolvimento e superação na nova experiência e,



SEMINÁRIO DoCEntes

de acordo com Paulo Freire (2007, p. 19) “o professor precisa ser um aprendiz ativo [...]”. O momento requer desenvolvimento de comportamentos protagonistas e de autogestão. Todos precisaram reorganizar suas rotinas, agora, em ambiente domiciliar.

Assim, vivemos um processo de (re)invenção de nós mesmos. Em cada experiência, em cada dificuldade enfrentada, vamos nos ressignificando, nos reorganizando e construindo novas realidades que vão constituindo em uma nova experiência de vida.

Considerações finais

Estamos vivenciando dias desafiadores para a educação, em virtude das mudanças bruscas que foram necessárias a partir do contexto atual de pandemia que o mundo enfrenta. Não estávamos preparados. Enfrentamos a falta de universalização de acesso, bem como a falta de proximidade dos docentes com a apropriação pedagógica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

Nesse contexto, é preciso buscar a participação democrática de alunos, professores, pais, e assim, a partir de um exercício coletivo, seguirmos buscando proporcionar uma educação integral.

Esse estudo pode contribuir com um repensar dos sujeitos envolvidos, onde me incluo, sobre modos de perceber e fazer educação. Observar como acontecem as experiências de educação que realizamos é muito potente para o desenvolvimento de um processo que possibilita reconhecer os modos como fazemos, conhecê-los e transgredir a partir do que conhecemos.

Referências

FREIRE, P. Educação e mudança. 30ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

INSTITUTO AYRTON SENNA – Competências e Habilidades Socioemocionais. Capítulo 2. Disponível em <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/guia-educacao-integral-na-alfabetizacao/guia-educacao-integral-na-alfabetizacao-socioemocionais.html>. Acesso em 25 ago. 2020.

MATURANA, R., H.; VARELA, G. F. A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.